



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A FORMAÇÃO E O SER PROFESSOR DE HISTÓRIA NO BRASIL

Ítalo Pereira de Sousa¹; Itamara Weskla Barbosa Alves de Brito²; Auricélia Lopes Pereira³

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: Ser professor de História no Brasil se tornou um grande desafio nos dias de hoje. O professor deve encarar um ambiente de precário e com uma remuneração que deixa a desejar. Pode-se dizer que isso se deu pelo fato da formação dos mesmos? Em parte acredita-se que sim, pelo fato da confusão feita com os cursos de Licenciatura e Bacharelado, mas também se acredita que não apenas por isso, pois existem outros fatores que refletiram na situação atual dos professores como: A escola ter se transformado em uma grande empresa, o perigo existente na profissão de professor. O objetivo desse trabalho é demonstrar a realidade do que é ser professor de História no Brasil.

Palavras-chave: Professor. Formação. História. Brasil

¹ Graduando do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.

² Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBIC/CNPq.

³ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO: A situação da educação no Brasil

Se for feita uma análise da situação atual da educação do Brasil e comparada com a de antes, veremos que muitas conquistas foram alcançadas, muitos benefícios que no passado era considerado algo surreal, de outro mundo hoje se constituem em realidade. Ainda assim, muitas das práticas negativas do passado foram mantidas.

Uma das práticas negativas mais percebidas na contemporaneidade é o fato de que, no Brasil, se educa para o mercado de trabalho e não para uma formação intelectual plena. Se perguntados do porquê de estarem estudando, rapidamente os alunos responderão que é para arrumar um emprego melhor. A educação no Brasil nunca foi uma ferramenta de libertação.

Essa situação de educar para o mercado de trabalho e não para a vida é tão crítica que nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais consta:

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país. (BRASIL, 1998, p. 5)

Formação de cidadãos, sim, mas que tipo de cidadão? Aquele que é preparado para as adversidades da vida ou aquele que só quer ter uma função no mercado de trabalho? Logicamente que, ao ler o trecho, percebe-se que se trata do segundo citado, logo, nota-se que a função do professor no Brasil, é apenas formar alunos para o mercado de trabalho.

Outro fator agravante na educação do nosso país é que a qualidade da mesma depende da situação financeira do aluno. Escolas particulares são bastante superiores às



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

públicas, isso se dá pelo fato da escola pública estar cada vez mais sucateada e esquecida pelo governo. Não partindo para a injustiça, é possível observar boas escolas públicas sim, mas em uma quantidade muito pequena. A grande maioria das escolas públicas encontra-se em uma situação precária em vários fatores, como: infraestrutura, segurança, material didático, entre outros.

Quanto aos livros didáticos de História, apesar da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira, é possível notar que nos livros didáticos atuais, as páginas dedicadas a esse assunto são mínimas, é preciso mudar essa realidade, para valorizar a história desses povos que foram tão importantes para a construção do nosso país. A respeito de conteúdos dispensados, André Chervel nos chama atenção para essa questão, Segundo ele:

O ensino escolar é esta parte da disciplina que põe em ação as finalidades impostas à escola, e provoca aculturação conveniente. A descrição de uma disciplina não deveria então se limitar à apresentação dos conteúdos de ensino, os quais são apenas meios utilizados para alcançar um fim. Permanece o fato de que o estudo dos ensinados *efetivamente* dispensados é a tarefa essencial do historiador das disciplinas. (CHERVEL, 1990, p. 192)

Para ser professor no Brasil se torna necessário o entendimento de toda essa realidade vivida no nosso país. Realidade esta que mostra um país no qual a educação ainda está engatinhando em uma sociedade que tem pouco mais de quinhentos anos.

METODOLOGIA: Ser professor no Brasil

Para injetar um toque de realidade, se torna de grande importância discutir a respeito de ser professor no nosso país, o Brasil, tendo em mente que a situação em outros países é extremamente diferente da nossa, muitas vezes superior e muitas vezes inferior.



A profissão de professor no nosso país, como todos tem conhecimento, sempre foi uma profissão injustiçada, um profissional que passa basicamente a mesma quantidade de tempo que um engenheiro ou um advogado numa graduação, recebe uma remuneração bastante injusta comparada com as demais.

Ser professor de História, por sua vez, recebe ainda mais um ônus: o preconceito dos demais que afirmam que “História é fácil, é só ler”. Sobre alguns desses episódios, a Professora Joana Neves⁴ nos traz que:

Nenhum professor de História deixou de ser abordado, em algum momento, - geralmente em uma festa – por um curioso que, só para testá-lo, indagou: “você que sabe história, com certeza pode me dizer: o que, afinal, D. Pedro disse, exatamente, ao proclamar a Independência” (NEVES, 2003, p. 39)

O preconceito com a profissão começa da própria família, que deseja que o filho seja apenas médico, advogado ou engenheiro. Sentimento esse herdado do passado onde as pessoas queriam que seus filhos fossem “doutores”. De acordo com o senso comum, aquele que escolhe ser professor é unicamente alguém que não teve como ser nada melhor, uma espécie de última opção.

O sujeito professor é um grande paradoxo, o mesmo é necessário por algo que é indispensável para a evolução da sociedade, a educação, e aqui no Brasil é tratado como um ser qualquer. Segundo Joana Neves o professor,

Presente na formação de todos os que tiveram o privilégio de frequentar a escola, é um ilustre desconhecido. Todos os brasileiros são capazes de escalar a seleção nacional de futebol, dificilmente alguém seria capaz de mencionar algum professor importante. Até porque seriam poucos os que reconheceriam que um professor poderia ser alguém importante. (NEVES, 2003, p. 38)

Quando se tira de vista o ambiente da escola e foca no ambiente universitário, a situação muda drasticamente. Diferente dos professores da educação básica, os

⁴ Professora aposentada do Departamento de História da UFPB.



professores de ensino superior têm um grande respeito da sociedade. Visto como aspecto do conhecimento, o cargo de professor universitário é almejado por 90% daqueles que cursam alguma licenciatura, seja pelo respeito, ou seja, pela remuneração.

Essa diferença de valorização do profissional se deve ao fato de que o investimento na educação brasileira sempre teve como alvo o ensino superior. Criam-se vários projetos e melhorias pro nosso ensino superior enquanto a base do ensino que é a educação básica continua precária e carente de atenção. Melhorias estas, que precisam ser revisadas, uma vez que em muitos casos está se formando profissionais incapazes de executar o seu ofício com uma boa maestria.

Essa realidade se dá pelo fato de que está se tornando cada vez mais fácil entrar na universidade, dando lugar a pessoas que ainda não teriam certa capacidade para o ensino superior, tudo pelo fato da utopia da inclusão social na educação, quando na verdade não seria essa facilitação que ajudaria na inclusão, e sim a melhoria do ensino básico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: A formação do professor de História no Brasil

Torna-se de grande importância qualquer questão que trate sobre a formação do professor de História. Uma das principais questões a respeito desse assunto, atualmente, é a questão do desmembramento do curso entre Bacharelado e Licenciatura. Com objetivos diferentes, na teoria, o Bacharelado busca formar um pesquisador enquanto a Licenciatura busca formar um professor, o primeiro seria o produtor do conhecimento e o segundo seria o transmissor do conhecimento. Ofícios distintos, porém, inseparáveis, segundo Joana Neves:

Simplificando ou sintetizando todos esses pares, o que está em jogo é a concepção da relação ensino-pesquisa. As concepções tradicionais de ensino, que o entendiam como a esfera da **transmissão** do conhecimento, diferente da pesquisa, a esfera de **produção** do conhecimento, foram superadas pelas novas, e muito bem fundamentadas, concepções que entendem que no



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ensino, tal como na pesquisa, ocorre a construção do conhecimento. Ou, dito de outra forma, ensino e pesquisa passaram a ser considerados indissociáveis. (NEVES, 2003, p. 54)

De acordo com Joana Neves, outra questão importante para ser debatida é o fato do conflito entre os professores de História e os pedagogos. A autora afirma que os professores de História apresentam uma grande resistência em aceitar a discussão pedagógica, que se utilizada erroneamente, corre um sério risco de esvaziamento dos conteúdos.

Outro problema sobre a formação dos professores é o crescimento profissional, ou seja, aquele que continua se desenvolvendo após a graduação, no local de trabalho. O problema principal deste desenvolvimento está exatamente nas condições de trabalho oferecidas.

A escola hoje é uma grande empresa, logo, aquelas com iniciativa privada irão acabar crescendo de maneira acelerada, enquanto a pública irá crescer de acordo com a verba recebida do governo (se receber). Essa realidade prejudica ainda mais a evolução do professor: Aquele que entra numa grande escola privada consegue ser bem sucedido, porém, irá trabalhar em ritmo de uma grande empresa, ou seja, desumano; já aquele que opta pela estabilidade do emprego público, terá que encarar uma condição de trabalho bastante precária, pois são raríssimos os casos de escolas públicas de qualidade equivalente a uma privada.

A Professora Joana Neves, ressalta que:

A situação da formação do professor de História, no Brasil, é, ao fim e ao cabo, lamentável, porque confere como não podia deixar de ser, com a realidade da educação do país, que é lamentável, apesar de todo o esforço da propaganda que todos os governos: municipais, estaduais e federais veiculam diuturnamente, na mídia, para tentar demonstrar o contrário. Inocente ou ingenuamente, até seria o caso de perguntar: Se tudo vai bem, graças à excelência das políticas adotadas, por que



gastar o dinheiro do contribuinte com a propaganda? (NEVES, 2003, p. 60)

Sendo assim, nota-se que ainda há muita pauta para a discussão sobre a formação de professores de História no Brasil.

CONCLUSÃO: Ser professor, ser humano

Além de um educador, de um formador, de um tutor, o sujeito professor também tem seu lado humano, também tem seus dilemas emocionais que por muitas vezes se refletem no seu trabalho, seja um problema pessoal ou profissional, por muitas vezes o professor precisa inibir essa emoção para manter a imagem de exemplo para seus alunos.

No capítulo seis da obra “Ser professor”, os autores Juan Mosquera e Claus Stobäus irão tratar a respeito do professor na sociedade, fazendo uma análise sobre a personalidade dos docentes, da vida emocional e das relações interpessoais em sala de aula.

Os autores, em sua obra, afirmam que apesar de muitos tentarem separar a vida pessoal da vida profissional, é uma tentativa “infrutífera”, e adicionam que o professor que mais tem chances de ser bem sucedido na profissão é aquele que desenvolve uma personalidade saudável com melhores relações interpessoais, que tentam encaminhar-se para uma educação afetiva.

Essa discussão inaugurada no Brasil na década de 90 estaria aí em ressonância com a teoria da inteligência emocional que emerge no início daquela década e que pressupõe ser o QE – quociente emocional – a base para melhores relações do sujeito no trabalho, no social e consigo mesmo.

Para se conseguir o feito de saber o momento certo para cada emoção, o indivíduo deve conhecer bem seus sentimentos, e isso vem apenas com certa maturidade



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

emocional, com uma formação de uma personalidade mais madura. Mosquera chama atenção nesse ponto afirmando que:

a vida adulta é a maior etapa do desenvolvimento humano, é fundamental para a compreensão das vidas dos professores, em seus relacionamentos, levando sem dúvida em conta também as fases infantil e juvenil (MOSQUERA, 2002, p. 94)

A personalidade humana, segundo os autores, é algo inacabado, inconcluso e que esta sempre em evolução, independente da idade, o sujeito nunca chegará a ter uma personalidade desenvolvida em toda sua plenitude, o que se pode ter é uma personalidade madura.

Outro aspecto que devemos dedicar atenção é que cada sujeito tem seu tempo individual, cada sujeito desenvolve sua personalidade em um tempo diferente do outro, isso varia de acordo com a experiência vivida de cada um. É comum pessoas terem crises “dos 30”, “dos 40” ou “dos 60” e geralmente acabam indo pra psiquiatras e psicólogos, mas normalmente esse caminho não seria necessário, pois essas “crises” só são provas de que somos pessoas incompletas, que estamos em constante construção.

Vale adicionar que vivemos em um mundo constantemente mutável e os professores precisam construir-se e trabalhar diariamente nesse mundo.

Os autores afirmam que existem pessoas doentes e saudáveis. Pessoas doentes não implicam necessariamente numa doença biológica, trata-se muitas vezes daquilo que o autor atribui como doença de personalidade, sujeitos que não realizam ajustamentos críticos em sua sociedade. Nessa perspectiva, as segundas seriam aquelas que fazem esses ajustamentos. A partir de um embasamento teórico em dois psicólogos, os autores afirmam que:

Jourard e Landsman (1987), que são psicólogos humanistas, colocam que uma pessoa é saudável na medida em que realiza ajustamentos críticos em sua sociedade. Aproveitando esta idéia, diríamos que uma pessoa que desenvolveu a capacidade crítica é porque antes possuía



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

uma capacidade analítica, portanto não é ingênua. Quer dizer, aprendeu a ouvir e ver, realmente, para poder agir de modo mais consciente. (MOSQUERA, STOBÄUS, 2002, p. 97)

Isso nos leva a concluir que: uma pessoa saudável para si, torna-se saudável para a sociedade, sua capacidade analítica e crítica faz a sociedade evoluir juntamente com sua personalidade, e é justamente essa pessoa saudável que o sujeito professor deve tentar ser. Isso torna o ser professor em um ser formador, um ser humanizador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. DECRETO No 87.497, 18 de agosto de 1982.

MOSQUERA, Juan; STOBÄUS, Claus. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais. In: ENRICHONE, Délcia (org.). 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

NEVES, Joana. A formação do professor de História no Brasil. In: SCOCUGLIA, Afonso (org.); PINHEIRO, Antonio (org.). Educação e História no Brasil Contemporâneo. João Pessoa: Editora Universitária, 2003